



3 1761 04119 3632

TEL

POETAS  
DO

PQ  
9261  
P33Z7











«Não se póde duvidar, que ha  
muitas provincias, cidades  
pessoas que Deus  
suas mi...

ALBERTO PIMENTEL

Poetas do Minho

1  
JOÃO PENHA

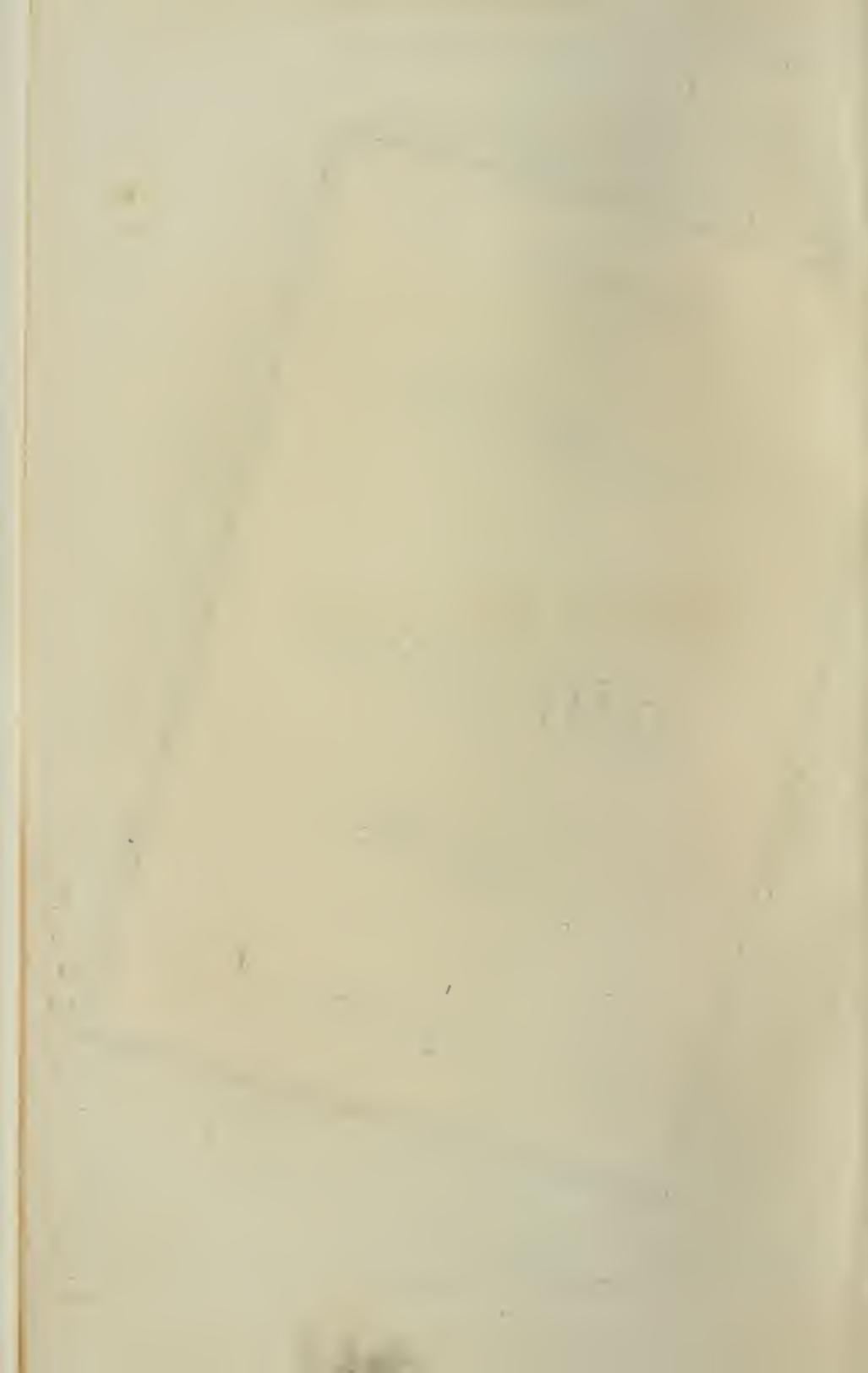


BRAGA  
CRUZ & C.ª - EDITORES  
BRAGA

tempos de um Ar  
lor, que não só foi  
formar a Religião  
dar os costumes de  
ro, e do povo, e  
leis divinas a su  
em sua diocese: n  
ja universal foi c  
roto, e zelo na g  
tanto Concilio de  
z, e fama pub  
em muitos dec  
hoje a Christa  
Tal para com  
dentro, que  
s humildes  
de perfeição  
a fóra no  
que todo  
na regra,  
ministeri

soube  
entific  
Religio  
dos  
no  
o s  
po  
amar, não só  
po ociosamente: e  
será esta de gran  
todos: bastante r  
dirnos perdões se  
pouco mais esten  
porventura perm

es  
clarecidos, e  
Prelados, que  
com sua virtude, e santidade esta-  
beleceram aquella cadeira, e Prima-  
cia de Hespanha: muitos dos quaes



Edição de  
capas

## POETAS DO MINHO



BRAGA

TYP. "MINERVA COMMERCIAL"

José Maria de Souza Cruz

1893

ALBERTO PIMENTEL

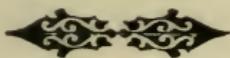
---

Poetas do Minho

---

I

JOÃO PENHA



BRAGA  
LIVEARIA ESCOLAR DE CRUZ & C.<sup>a</sup>  
EDITORES

PQ  
92.61  
P33Z7

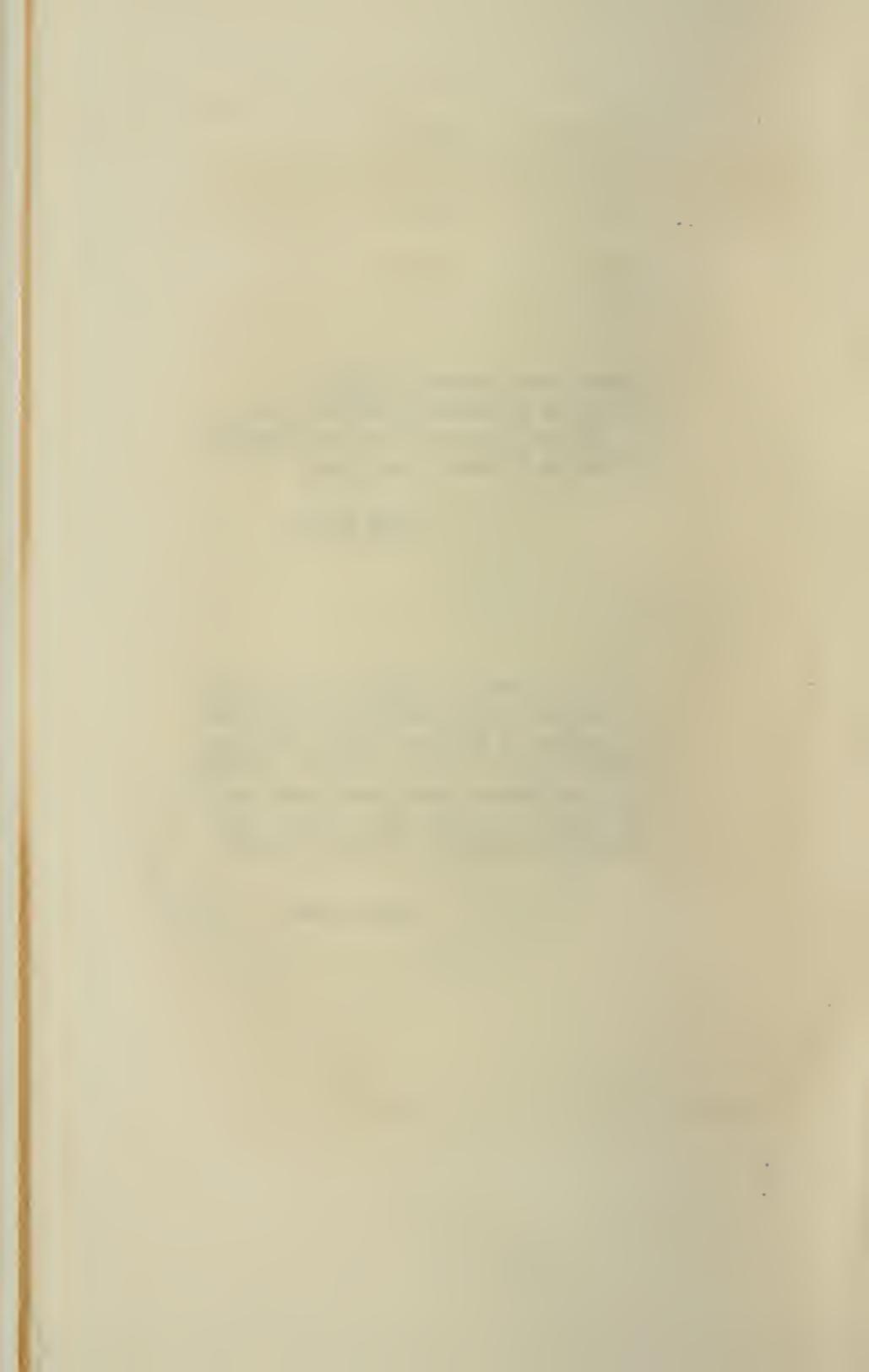


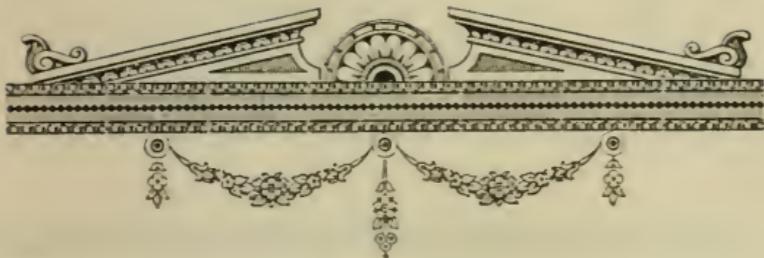
Aquelle meu espirito opulento,  
Que vivia na luz dos sonhos bellos,  
Jaz ha muito nas ruinas dos castellos,  
Que no ar edifica o pensamento.

*João Penha.*

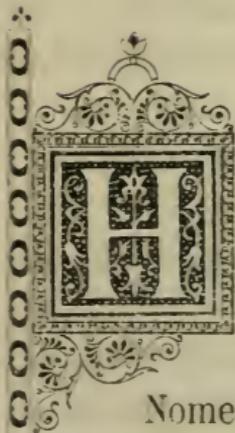
«... Quem publica um livro não  
o faz para o lér, publica-o para que  
os outros o leiam. Quer, portanto,  
produzir um effeito qualquer, effeito  
que, em todo o caso, não pode ser o  
do somno: para este ha o opio, a bella-  
dona e o Codigo do Processo Civil.»

*João Penha.*





# I



A quinze dias, João Penha e eu, sentados no mesmo banco do *americano*, vinhamos do Senhor do Monte para Braga, e conversavamos de litteratura.

Nomes de auctores, nomes de livros, recordações dispersas, do tempo em que elle redigia a *Folha* em Coimbra e eu lhe enviava do Porto algum insignificante auxilio de collaborador, passavam rapidamente na pre-

cipitação tumultuante do dialogo, a cada momento interrompido pelas paragens do *tramway*, pela entrada e saída de passageiros, pela voz auctoritaria do conductor, que explicava em dialecto calaico:

— Bai cheio. Num ha lugar.

Tendo João Penha alludido a mais de um dos poetas, que constituiram a constellação academica da *Folha*, para entrelembrar casos e anedotas da bohemia coimbrã, disse-lhe eu de repente:

— Por que não escreve as suas memorias de Coimbra?

— Não tenho tempo, respondeu elle. Encheriam tres volumes.

Tres volumes, de certo, porque João Penha foi o chefe de um cenaculo numeroso, que viveu na alegria e nas letras, que teve aventuras e triumphos, e que legou aos cursos subsequentes uma gloriosa historia ainda hoje rememorada com prestigio na tradição aca-

demica. Elle, erguido no pedestal que o voto unanime dos seus contemporaneos lhe havia consagrado, via do alto, como um idolo, toda a nervosa multidão da academia, que o adorava, observava todas as evoluções caprichosas d'essa legião gentilissima de rapazes talentosos, que se moviam em torno d'elle, conhecia todos os segredos da biographia de uma geração, que ha de ficar eternamente lembrada. Tres volumes, pelo menos, e não seriam de mais.

Mas percebe-se que lhe custe metter hombros a um labor de reconstrucção historica em que a penna seria como um estilête a revolver dolorosamente o coração saudoso do escriptor. Eu mesmo, que apenas segui de longe toda essa altivola mocidade academica, ouvindo reproduzida a distancia a sua voz no phonographo litterario da *Folha* e de uma boa dezena de poemas, eu que senti rolar até mim a lava candente do vulcão sem as-

sistir ás tempestades explosivas da cratera, eu proprio experimento a vaga nostalgia da Coimbra d'aquelle tempo vendo envelhecer em Lisboa, na prosa da burocracia, do fôro, do professorado e do parlamento, os poetas que ha vinte annos constituíam a ala victoriosa dos novos commandada por João Penha.

E, mais infelizes ainda, os que hoje não fazem leis, nem minutas, nem aggravos, nem compendios, dormem prematuramente o somno da morte na apotheóse serena, sem invejas, mas tambem sem desillusões, d'aquelles que, como Gonçalves Crespo, brilharam pelo clarão do seu talento, e passaram como um meteóro fugitivo.

Tive Gonçalves Crespo por companheiro na Redacção da Camara dos Pares. O seu espirito doirava-se ainda de um reflexo de alegria, sem constrangimento, que era como que o ultimo élo da sua tradição academica. Tinha passado de Coimbra para Lisboa serena-

mente, sem tempestades da vida, que envelhecem a alma antes do alvejar da primeira cã. Na paz domestica do seu lar, a morte foi como um salteador que surprehende um viajante a dormir na pousada, e o estrangula entre dois braços de ferro n'um momento. Os outros que ficaram ainda, são como as arvores no outomno, que dia a dia vão sendo sacudidas e abaladas pela nortada agreste, que annuncia o inverno.

É difficil adivinhar hoje na melancolica indifferença de Simões Dias, que passa atravez de Lisboa com o ar deleixado de um provinciano aborrecido, aquella brilhante alma meridional do poeta das *Peninsulares*, onde cantavam serenatas da Andaluzia e rouxinoes do Mondego.

Candido de Figueiredo, cuja musa era das mais crentes, embora não fosse das mais vulcanicas, cançado de repartir os restos da sua mocidade entre a cãhedra de professor

e a Secretaria da Justiça, correu ao encontro da velhice, denominou-se voluntariamente *Caturra*, atirou-se às questões de philologia, e conseguiu tornar-se rabujento contra os que escrevem *aereonauta* com um *e* superfluo.

Este correctissimo poeta da *Folha* é hoje um suicidio ambulante. Mata-se a ensinar a lingua portugueza a quem a não quer saber. Já um ministerio lhe receitou, como distração, o Governo Civil de Villa Real. Candido de Figueiredo viu o Marão resplandecente de neve, e não o cantou. Apenas recolheu a Lisboa, deu-se pressa em publicar *Novas licções practicas da lingua portugueza*.

Não era poeta, poeta de fazer versos, embora tivesse começado por ahí, como todos, mas tinha assomos de graciosa imaginação quando romanticava na *Folha* as lendas do alto Alemtejo, um que se doutorou em direito, e estuda e encalvece como todo o bom lente, e apenas sai dos braços de Minerva na

Universidade para os braços do senhor José Luciano no Parlamento.

Esse, José Frederico Laranjo, tão amante de fallar nos palratorios de Coimbra, vai estando tão mudado hoje, que já ninguem treme de medo quando elle pede a palavra na camara.

—E Junqueiro? o nosso astral Guerra Junqueiro? perguntar-me-ha o luciolante apostolado que o rodea na cervejaria do Camanho.

Junqueiro, se houvessemos de dar credito a todas as suas apprehensões pathologicas, está «precocemente chegado, pelo soffrimento, ao occaso da vida». (1) Sinceramente desejo que os factos venham desmentir esta apprehensão.

Mas Guerra Junqueiro, meus senhores,

---

(1) Palavras suas em annotação ao volume dos *Simples*.

---

era na Coimbra d'aquelle tempo, na *Folha* principalmente, a promessa florescente de um lyrico primoroso, depois transviado, e a meu vêr atormentado, pela preocupação constante de reformar a esthetica (1), a technica (2), o olympto dos romanticos (3), o paraizo dos catholicos (4), de fundar escola e de attingir a perfeição suprema no seu melhor livro, que, segundo o seu proprio conceito, são os *Simples*.

E talvez não sejam.

Em Coimbra, Guerra Junqueiro era, como

---

(1) «D'uma visão mais intima e profunda do universo germinaram em mim novas emoções, e portanto *uma nova arte*. O poeta renasceu e cresceu. Fecundo renascimento psicologico, e não apenas uma evoluçõesinha toda litteraria, meramente verbal e de superficie.»

(2) «Emquanto á technica do poema, muitissimo havia que dizer, se esta nota não fosse escripta rapidamente, com o impressor á espera.»

—Notas aos *Simples*.

(3) *Morte de D. João*.

(4) *A Velhice do Padre Eterno*.

todos os outros, um satelleyte que gravitava em torno de João Penha, o chefe incontestado, antes adorado, do cenaculo, da bohemia, e da *Folha*.

O tempo rolou a sua pesada mole por sobre as illusões d'esses rapazes que eram então a fina flôr da geração academica. D'elles, os que não estão ainda velhos por fóra, commecam a descair na tristeza, não direi do occaso da vida, como apprehensivamente affirmou de si mesmo Guerra Junqueiro, mas da experiencia dura do mundo.

João Penha, o primaz da tribu, é advogado em Braga, trabalha honestamente para sustentar a sua familia. Está ao corrente de todas as novidades litterarias que a França inventa e exporta, porque as recebe directamente de Pariz em primeira mão, mas atura todos os dias, no seu escriptorio, uma chusma de clientes, que ás vezes, o que o contraria muito, o assaltam em plena rua, já depois

---

d'elle ter fechado o seu escriptorio ás duas horas da tarde, invariavelmente.

Outro dia, João Penha ia para o Bom Jesus do Monte, em serviço — disse-me elle — ás sete horas da manhã. A seu lado, no *tramway*, um demandista estopante gritava para vencer a dureza de ouvido do advogado.

— O que eu quero, berrava o cliente, é ganhar a queston do rego. Porque, snr. doutor, no rego é que está a grande maroteira d'ella. (Ella era a parte contraria, uma mulher).

Questão d'aguas: a mais generalisada especie de litigios no Minho.

João Penha, de charuto ao canto da bôca, ouvia imperturbavelmente resignado e silencioso. Os outros passageiros sorriam disfarçadamente das phrases equivocas do demandista. Filado pelo cliente, João Penha era, n'aquella hora, sob o ceu azul, radioso de sol, uma victima do Direito, que legisla sobre regos e outras coisas mais; — do Direito que

elle podera amenisar em Coimbra com as satyras escriptas na aula, com os sonetos publicados na *Folha*, com a bohemia alegre das *Camêllas* e do *Homem do gaz*.

Agora, em Braga, o Direito esmagava-o como a clava de Hercules. Fazia dô, fazia pena vêr João Penha torturado nos colmilhos de um litigante obsêsso, a quem elle não podia responder, com um repente de Bocage, n'um epigramma vingador.

Não me atrevi a arrancar João Penha das garras do cliente. Mas á volta do Bom Jesus, tornando a encontrar-nos no mesmo *americano*, interpuz-me ao demandista e a elle, e conversamos de varia litteratura, — muralha da China contra a qual esbarraram, infructifera-mente, duas investidas do brácaro Chicaneau, que parecia recortado dos *Plaideurs* de Racine.

Aqui está no que veio a dar aquelle bello espirito do maior improvisador e do maior bohemio da Coimbra de ha vinte annos!

---

Ó salgueiraes do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Camêllas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flôr dos rapazes d'esse tempo, chorai por elle e... por vós!

Colhi em Braga informações sobre o viver de João Penha transformado. Tem, como advogado, uma grande clientella posto não vá nunca ao tribunal. Mas a sua competencia em questões do civil não soffre rivalidade. Escrevendo nos processos, é um jurisconsulto de primeira ordem.

Ás duas horas da tarde fecha impreterivelmente o escriptorio. Os clientes voltarão, se quizerem, no dia seguinte. Mas voltam sempre.

Á noite, João Penha, invariavelmente de luvas pretas, monoculo posto, frequenta a confeitaria do Anacleto á rua de S. Marcos. Uma coincidencia leva-me a suspeitar que João Penha rivalisa na gulodice de bôlos finos com o glorioso Sampaio da *Revolução*, de veneranda memoria. Vindo todos os annos á Povia

de Varzim, na epoca de banhos, é na confeitaria contigua ao *Café Chinez* que elle apparece ás noites, sempre de luvas, correctamente vestido, sobraçando ás vezes um pacotinho de doces.

Que ao menos o saboroso bôlo de côco possa adoçar as horas amargas da sua banca de advogado!

—Snr. dr., dizia-lhe o demandista quando todos apeiamos do *americano* no Campo de Sant'Anna, olhe que a queston do rego tem furo. Num m'a avandone.

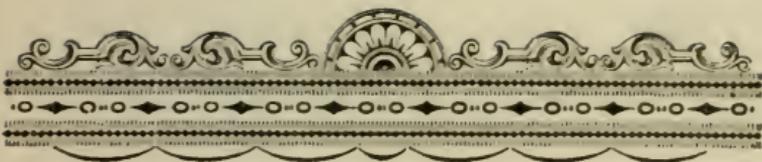
E João Penha, sorrindo, voltado para mim, repetia-me :

— Não se esqueça de lèr a *Nature* de Rollinat. É soberba!

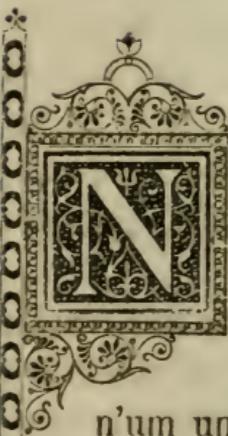
Ó salgueiraes do Mondego, lamentai-o! Ó musa alegre da tasca das *Camêllas*, cobre de luto a tua face mésta! Ó fina flôr dos rapazes d'esse tempo, chorai por elle e... por vòs!







## II



A individualidade litteraria de João Penha ha a distinguir o poeta da bohemia, e o poeta do amor.

São dois homens reunidos n'um unico homem.

O primeiro é o estudante que frequenta de noite as tascas de Coimbra, celebrando-se nas libações e nos improvisos; que canta os paios do Alemtejo, o pre-

---

sunto de Lamego e os falernos da Beira ; que satyrisa os lentes e adora a Cabula ; que vê formar-se em torno de si o numeroso cenaculo a que preside com o applauso e a admiração da academia inteira, cuja alma, cheia de alegria e de mocidade, elle consubstancia n'uma saliente concretisação pessoal.

Os seus versos, as suas anedotas de bohemio noctivago correm ainda hoje na tradição universitaria, impregnados d'esse fugitivo *sachet* de vida antiga, que é a gloria melancolica dos velhos e o ideal ambicioso dos novos.

A baiuca da Camêlla, sem elle, ficou solitaria como um templo vazio.

Os que foram da geração de João Penha ainda de certo o recordam hoje de monoculo no olho, capa traçada, n'uma attitude elegante e vigorosa de Apollo de Belvédère, cantando no templo, sob um imaginario baldaquino de folhas de parra verdejando esmeraldas, a alegria eterna da alma rubra do alcool.

Oh vós, que do canto sois velhos freguezes,  
Ouvi d'estas lyras o mélico emprêgo!  
Nós somos as gêmas, os bifes inglezes,  
Os paios das filhas do claro Mondêgo.

Sorri-nos a vida nos calices cheios  
Dos roixos falernos das parras da Beira;  
Sorri-nos a Céres dos tímidos seios;  
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

Nos méstos papyros da sciencia moderna  
A droga se encontra que ao somno convida;  
Quei-nêmol-os todos, que só na taberna  
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles  
Corramos no passo das gregas choréas!  
Bachantes das praças, vibrae os cymbales!  
Abri-nos as portas, gentis Galathéas!

A lenda das noites das Camêllas, personificada em João Penha, subsistiu como uma das seducções tradicionaes da vida academica.

Antonio Nobre, que eu julgo ser, de todos os poetas novissimos, o que tem mais poderosas faculdades para traduzir as impressões da alma moderna, torturada pela nevrose,

---

confessa a suggestão d'essa lenda bohemia, que reproduz a Poesia ardendo como uma pyra sobre o tampo dos toneis impantes:

..... A Tasca das Caméllas  
Para mim, era um sonho, o ceu cheio de estrellas.

Mas quando Antonio Nobre chegou a Coimbra, uma barreira de vinte annos, espêzcos como vinte seculos, separava da tasca das Caméllas a pessoa do doutor João Penha, advogado nos auditorios de Braga. A alma espumante e radiosa das noites da bohemia partira-se como a taça das ultimas libações; partira-se, e partira. No templo reinava o luto silencioso das lendas de antigos castellos abandonados por principes cujo destino é ainda um mysterio. E Antonio Nobre, relanceando os olhos tristes pela solidão tenebrosa, teve esta explosão de desespero truculento:

Tia Camélla... só ficou a camellice.

O que lembra uma situação analogia cantada por Delille nos *Jardins*:

..... Telle jadis Carthage  
Vit sur ses murs détruits Marius malheureux.

Dir-se-ia que tinham desaparecido com João Penha e com o seu tempo essas télas vivas de Van Laar, que revestiram as paredes das Camêllas; paineis pagãos, dignos de Ticiano e de Poussin, onde a Fabula parecia sorrir ainda, coroada de pampanos, no verso bachico do auctor do *Vinho e fel*:

Dá-me esse onágro de vigor silvestre,  
E os ôdres fundos, oh Sileno antigo:  
Ensina-me na dor: só tu és mestre.

Dir-se-ia que a rija cimitarra do vandalismo havia despedaçado algum marmore de Pradier em que uma Bachante andaluza, cingida nos braços de um Satyro inspirado, parecia entoar um dithyrambo amoroso, cortado

---

de evohés e de beijos, e de que só restava,  
inscripto no sôcco da esculptura mutilada, um  
sonetinho de João Penha :

Oh poetas d'agua fria!  
Dizei-me: a vossa musa  
Será como a andalusa  
Que as noites me abrevia?

Olhai-a: que poesia!  
Na dórna da Arethusa  
Lá enche agora a infusa  
De classica ambrosia,

E aos labios de cereja  
Eleva, airosa e rindo,  
O copo de cerveja!

Oh quadro novo e lindo!  
Musas, chorai de inveja,  
Musas, descei do Pindo!

Ainda rescaldam nos «cavacos» da academia as aneddotas, os episodios das noites das Camêllas no tempo de João Penha. É capitosa a tradição d'essa bohemia extincta, que

sôa ao longe, e que exalta a imaginação dos rapazes. Para Antonio Nobre era um «sonho», que o attraiu á Coimbra, como a devoção de Méca attrae o arabe.

Elle tinha de certo ouvido contar que João Penha, entrando na Tasca sem perder a donairosa compostura de um *gentleman*, que jamais esquecia as luvas e o charuto, se limitava a esvasiar uma «taça», nome aristocratico com que nas Caméllas a bohemia nobilitava o copo. E que, ao ouvido da Tia Maria, João Penha, com o ar de uma discrição cheia de orgulho e de mysterio, segredava:

—Repita a dóse para um envergonhado, que está ali fóra...

Na sombra do limiar, entreaberta a porta, João Penha esvasiava a segunda «taça», simulando passal-a á mão de um embuçado de melodrama.

Antonio Nobre conhecia a tradição, a anedota, o pittoresco da lenda, mas, quando

---

chegou a Coimbra, apenas restava da bohé-  
mia de João Penha, na Tasca das Camêllas e  
na Via Latina, a lembrança de que passára  
outr'ora por ali uma onda de mocidade ale-  
gre, que o tempo seccou.

Tia Camêlla... só ficou a camellice.

A tradição em Coimbra, um advogado em  
Braga, eis o que resta de João Penha bohemio.

Mas ainda hoje os rapazes que passaram  
pela Universidade vem contar as satyras, os  
epigrammas que elle deixou gravados na me-  
moria das gerações.

Todos elles sabem de cór o famoso caso  
do incendio, que João Penha noticiava para  
Braga, ao irmão, como tendo sido uma cala-  
midade biblica, um castigo do ceu, que o dei-  
xára despojado de todos os seus escassos ha-  
veres de estudante :

Foi um incendio voraz !  
Parecia a propria Gomorra !

E os manes do doutor Adrião Forjaz vé-lam de pudor a face ouvindo repetir, na chalaça de Coimbra, a phrase attribuida aos labios castamente impollutos de uma bôca im-peccavel, onde só os eufemismos floriã como lírios brancos.

Conheci em Lisboa, de o vêr no parla-mento, o irmão de João Penha, tambem ad-vogado, e n'esse tempo deputado por Braga.

Contava-se em Coimbra que o poeta, en-carecendo as virtudes do irmão, costumava dizer d'elle:

—O seu unico vicio sou eu.

De improvisos feitos na aula, escriptos sobre o joelho e transmittidos de bancada em bancada, ficou em Coimbra memoria impe-recivel, que irradiou até à raia do Minho e até à raia do Algarve, como uma lenda na-cional.

Perderam-se para a bibliographia os dois jornaes, o *Zabumba* e a *Gaita de folles*, que

---

João Penha publicou na *Sebenta*, no quarto e quintò anno; mas as quadras e sonetos, em que a alegria mordaz esfusiava diariamente n'essas folhas avulsas, salvarâm-se para a tradição, que ainda hoje os repete, como se estivessem sendo lidos, nas noites de Coimbra.

Quantas vezes não tenho eu ouvido recordar em Lisboa muitos dos epigrammas de João Penha, improvisos feitos nas aulas, como, por exemplo, o do Pinto Lambaça!

Em pé, diante do Brito,  
Dá lição Pinto Lambaça:  
Parece a voz do Infinito  
A sair d'una cabaça!

E aquell'outro apontado ao nariz vermelho de Tamagnini Encarnação?

Tamagnini Encarnação  
Tem na ponta do nariz  
O colorido feliz  
De uma rosa do Japão.

E ainda aquelle que joga de vocabulo  
com o nome do condiscipulo Ennes :

A letra dos teus assumptos  
Bem nos demonstra quem és :  
Vale dois *nn* bem juntos,  
É letra de quatro pés.

Ha poucos dias, no *In illo tempore* das  
*Novidades*, li o epigramma com que João  
Penha alvejou a gastronomia proverbial do  
doutor Sanches da Gama :

Dizem que o Sanches embirra  
Que lhe vão pedir dispensa.  
Forte asneira!  
— Imagina que lhe pedem  
A dispensa  
Onde tem a salgadeira...

Agora e sempre me parece novo em fo-  
lha o famoso soneto *A um doutor Pedro*, que  
póde ser considerado, o soneto, como inexce-  
dível na profundidade do conceito. Pelo que

---

toca ao doutor, a tradição universitária apenas o considera inexcedível no esguio da figura.

E vimos uma fôrma horrenda e bruta  
Surgir do lôdo vil com gesto iroso,  
Como out' rora, no Cabo Tormentoso,  
O velho Adamastor de barba hirsuta.

—«Quem és tu?» eu lhe disse.—«Bardo, escuta,  
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)  
Eu sou no espaço infindo e luminoso  
O verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penedo: e o mar violento,  
O mar das sciencias vãs da humanidade,  
Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade  
O cantico d'um tremulo jumento:  
—Era o preto da terra á Immensidade.

Sobre os inextinguíveis vestígios d'esta  
satyra teem caminhado as gerações subsequentes,  
cantando o doutor incommensuravelmente filiforme.  
Antonio Nobre tambem molhou a

sua sôpa no capêllo que encima o zingamôcho do cathedratico zangaralhão :

..... O' Pedro da minh'alma! meu amigo!  
 Que feliz sou, bom velho, em estudar contigo!  
 Mal diria eu em pequenito, quando a ama,  
 Para eu me callar, vinha fazer-me susto á cama  
 Por ti chamava: Pedro! e eu socegava logo,  
 Que eras tu o *Popão!* A ama, de olhos em fogo  
 Inuitava-te o andar, que não era bem de homem...  
 Eu tinha birras? — Ah! vem o lobishouren!  
 Dizia ella. — Bate á porta! Truz! truz! truz!  
 E tu entravas, Pedro, eu via! Horror! Jesus!

Nas mais allucinantes tempestades de entusiasmo academico a musa de João Penha era a sarça ardente que prendia todos os olhares, attraia todas as attenções pela originalidade fidalga do conceito, e pela gentileza patricia do verbo flammejante, como no soneto *A uma rabequista* :

Eu dera um litro do meu sangue azul,  
 (Oh meus avós, não fulmineis o hereje!)

---

Só por beijar-te, no chapim taful,  
O pequeninopé, que orchestras rege! (1)

A respeito d'esta rabequista, que era uma italiana lindissima, dizia-me ha pouco João Penha:

—O Manoel da Assumpção queria casar com ella e eu dissuadi-o d'esse intento... por ciumes.

Pobre Manoel! elle foi o primeiro romantico do seu tempo, como João Penha foi, na

---

(1) A plastica d'esta quadra foi alterada na sua transplantação da *Folha* para as *Rimas*.

Déra um quartilho do meu sangue azul  
(Oh meus avós, estremecei na campa!)  
Por dar-te um beijo no chapim taful,  
Que esconde um pé, de se gravar na estampa.

Tal era, na *Folha*, a primitiva feitura. A originalidade do pensamento nada perdeu, e o systema metrico decidual foi respeitado. Dizer-se que os bachareis em direito são os primeiros a desacatar a lei!

phrase de Gonçalves Crespo, o ultimo estudante de Coimbra.

N'aquella quadra, como na organização artistica de João Penha, incluindo a sua modalidade de bohemio, ha um cunho brazonado de *vieille roche* das letras. Conservador como a melhor nobresa parisiense do bairro Saint Germain, elle ama a tradição da Arte, os velhos pergaminhos da lingua, a lição classica dos mestres, a compostura aristocratica da phrase, que não chega a desfraldar-se no epigramma, nem a esbagaxar-se na satyra. Canta o Paio de luva branca, sem que fique na pellica uma nodoa de gordura. Canta o Vinho, sem entornar no collarinho a mancha roixa da bôrra. E se passa da tasca das Camêllas para o salão nobre da Poesia madri-galesca, substitue facilmente a batina rôta pela casaca broslada, é um cortezão de Luiz XIV quando empunha a taça, refulgente de aureas facetas, para brindar as damas delicadas:

---

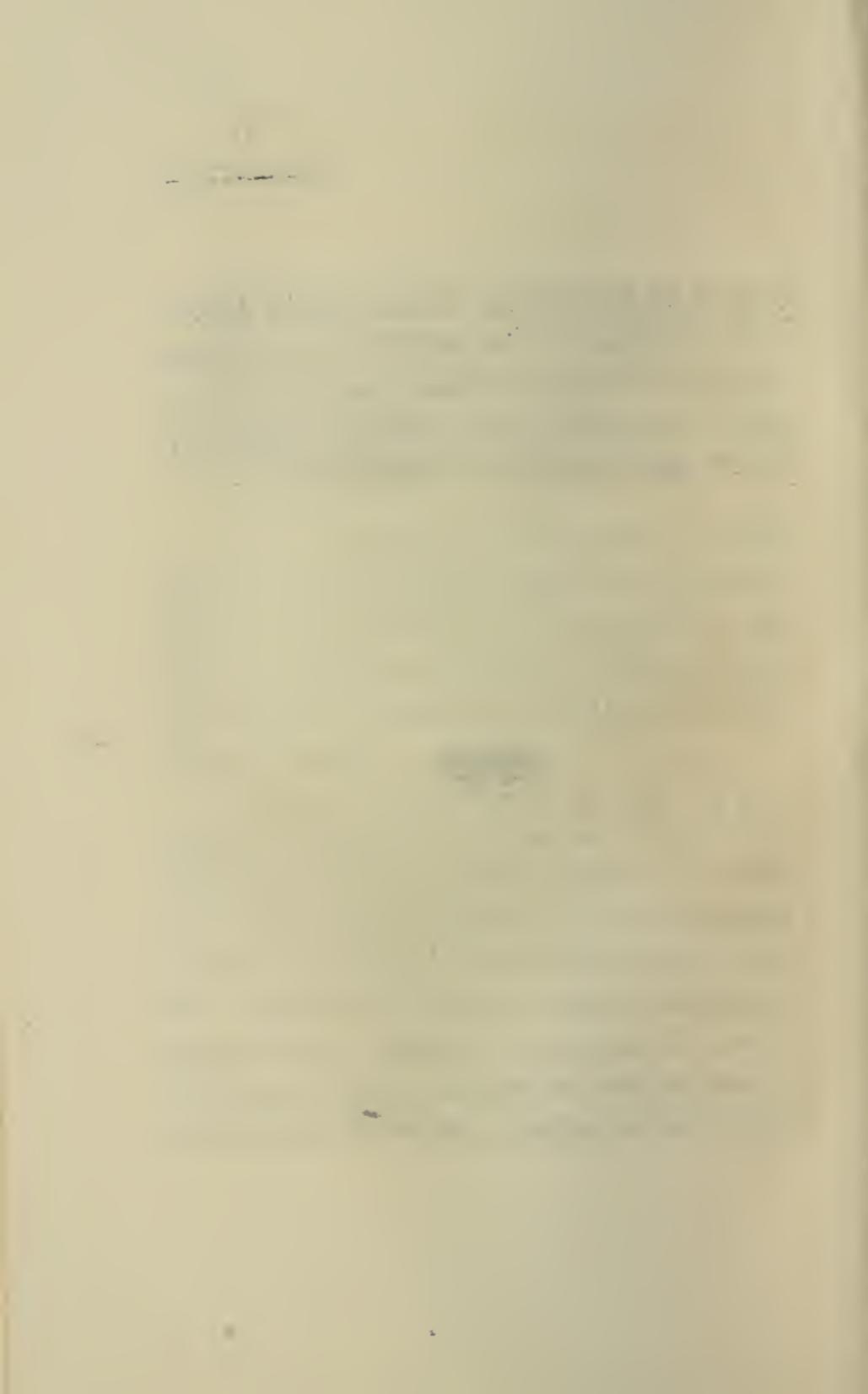
D'este copo de vinho generoso  
Dai-me que eu tire o alento que desejo,  
Para que o novo canto, sonoro,  
Desfira na guitarra em doce arpejo;  
E já que estou devéras amoroso,  
Aproveito apressado um tal ensejo  
Para erguer á leitora, que me escuta,  
Um brinde que me deixe a taça enxuta.

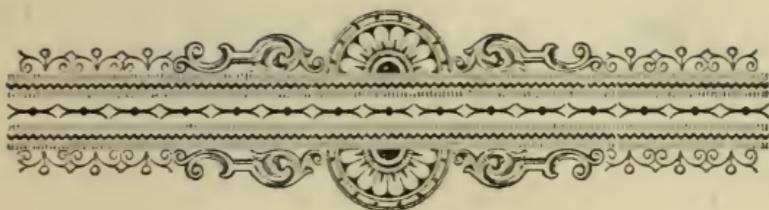
Tal é, rapidamente tracejado, o perfil lendario de João Penha bohemio, do poeta da alegria e da mocidade, que improvisava nas tascas do *Homem do gaz*, do *Varão do Luxemburgo*, do *Conselheiro Rodrigo*, e da *Tia Maria Camêlla*.

Mas esse improvisador errante, que a borga arrastava de taberna em taberna, não descalçava nunca as luvas, nem para beber, nem para cantar. Era um artista de raça, que adorava o primor da forma. Sob este ponto de vista João Penha e a *Folha* exerceram uma sensível influencia. O soneto da escola italiana, tão abandonado como antigualha árcade depois de Bocage, resurgiu no acuro par-

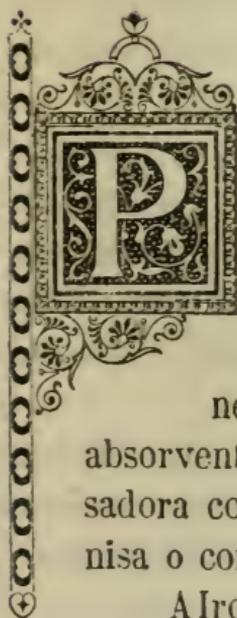
nasiano de João Penha. E todos os da *Folha*, que navegavam na esteira do mestre, sahiram excellentes artistas no cinzelamento esculptural da fôrma litteraria: Crespo, Junqueiro, Simões Dias, Candido de Figueiredo, etc.







### III



PARA João Penha, como poeta lyrico, o amor parecia não ser mais que uma idealisação, uma phantasia de artista.

Eu não encontrava, nos sonetos do *Vinho e Fel*, a abstracção absorvente de Petrarcha, a paixão abraçadora como lava, o Vesuvio que vulcanisa o coração, reduzindo-o a cinzas.

A Ironia andava de braço dado com o

---

Amor, no lyrismo de João Penha, mais como um effeito pittoresco da Arte, suppunha eu, do que como a crua expressão da Verdade.

Não descobria atravez das *Rimas* o typo constante, persistente, de uma mulher, embora se me affigurasse que de recordações avulsas e de perfis differentes creára o poeta o elemento feminino dos seus poemas.

Nunca os versos de João Penha me deram, na taça do *Vinho e Fel*, a impressão de uma grande catastrophe psychologica, que lhe precipitasse a alma na voragem do scepticismo.

Parecia-me que a sua musa obedeceu á orientação romantica, que se comprazia em polvilhar de gottas de fel, como um effeito decorativo, puramente ornamental, a corolla das flôres ideiaes do Sentimento.

É verdade que no escriptorio das *Rimas* havia a miniatura de uma mulher, mas eu considerava-a, se me permittem a expressão, um retrato de phantasia :

Um rosto encantador, quasi moreno,  
De uns grandes olhos verdes animadô:  
Negro o cabello, em tranças ennastrado;  
Correcto o supercilio, iris sereno;

Vermelho o labio, sorridente e ameno;  
Breve a cintura; o collo, assetinado;  
Um donaire, das outras invejado;  
Magras as mãos; o pé, leve e pequeno:

Eis a dama por quem chorando anhélo!  
Rival das graças do cinsel iónio,  
Mas fria como a neve: o meu flagello!

Eis a minha Nathercia, o cruel demonio  
Por quem vivo perdido, mas tão bello  
Que nem lhe resistira Santo Antonio!

Este soneto affigurava-se-me como o primeiro éclo de uma concepção artistica de poeta, de um plano litterario preconcebido, que visava a produzir effeitos pela antithese do Amor e da Ironia, pelo contraste da veia alegre do bohemio com a inspiração sentimental do lyrico.

Assim não tardava muito que a musa dicaz do epigramma deixasse cair sobre o retrato da

---

primeira pagina o peso de um paio roliço de Lamego, que se esborrachava em rúbidas gorduras sobre a miniatura delicada :

Mal pode phantasiar-te a mente accêsa  
Tão gentil como quando, venturoso,  
Te vi a vez primeira, ébrio de goso,  
Estatico de pasmo e de surpresa.

Que prodigio de esplendida belleza !  
Que labios, que sorrir, que olhar piedoso!  
Que opulento cabello. . . um mar undoso  
Onde escondêras a gentil nudeza!

Assentada n'um banco de verdura,  
Junto à margem do murmuro Mondêgo,  
De um Corregio vencêras a pintura.

Ai ! perdi, desde então, paz e socego :  
Se estavas tão graciosa em tal postura,  
E conias um paio de Lamego !

E logo, como na travacção logica de um poêma, cuja traça foi gisada calculadamente, o paio continuava a materialisar a desillusão do poeta, que não encontrava na realida-

de da vida a mulher ideal das suas noites de phantasia romantica.

O paio parecia-me na obra de João Penha um symbolo de salutar de-engano para os que criam na espiritualidade ethérea da mulher e que, regressando alquebrados do Paiz do Sonho, ainda podem achar reabilitação salvadora na despensa, no *restaurant*, e na cava.

És minha, és minha, oh venturoso fado!  
Cedeste á chamma que em meu peito alento !  
Chegou por fim o divinal momento,  
O dia de meus sonhos anhelado !

O ceu, ha pouco tórvo, eil-o azulado ;  
Sussurra esmorecido ao longe o vento ;  
Esplende o sol no ethereo firmamento;  
Recende aromas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)  
Te disse o meu amor, em doce esmaio  
Senti volupias de um prazer infindo.

Oh caméas agricolas, cantai-o !  
Ella, a minha formosa, ella fugindo,  
Deixou-me o coração, deixou-me o paio.

---

Desfeito o sonho, fica nas mãos do poeta como um refem da sua esperança perdida, das suas illusões derrotadas, o paio, — a porção mais subjectiva do *eu* espiritual da dama, o paio, um symbolo, o paio, uma philosophia, como o porco do rebanho de Epicuro, *Epicuri de grege porcus*.

Se alguma duvida pudesse restar sobre a interpretação d'este symbolo culinario, que atravessa toda a obra do poeta, bastaria a desvanecê-la a clara exegése d'este soneto :

Aquella Rosa branca, a flor mais viva  
Dos jardins olorosos de Granada,  
Já não parece a flor enamorada,  
Triste por viver só, viver captiva.

Outr'ora, em seu mirante, pensativa,  
Muitas vezes a luz da madrugada  
A via entre boninas, enlevada,  
Nos sons d'uma guitarra fugitiva.

Agora, a Beatriz do Poeta abstruso,  
A Elleonora das canções do Tasso,  
A Nathercia gentil do cantor luso,

Sol perdido em nevoeiro escuro e baço,  
A citharas prefere a roca e o fuso,  
Aos meus cantos, — presuntos de Melgaço!

Sente-se na symbolica de João Penha a alma alegre de uma geração que teve sangue, que teve vigor, que adorou a vida porque a podia gosar.

Respira-se ahi o aroma aperitivo de um succolento jantar fradesco, como na antiga cozinha dos bernardos de Alcobaça, que ainda hoje, apesar de vasia, dá a impressão do appetite saluberrimo da ordem de Cistér.

Como que se ouvem os passos dos leigos conduzindo da copa os cangirões bojudos, da ucharia as viandas gelatinosas, e da frescura dos coutos, regados por agua diamantina, as fructas deliciosas e maduras.

Um braço invisivel parece encaminhar o nosso espirito á vasta mesa do refeitório cisterciense, onde a gula monastica levanta castellos de comesana macissa, que o appetite

voraz ha de em breve vencer e desmoronar.

Sóbe ao pulpito, enquanto os outros devoram pingues virtualhas, um prégador agüado, que, com os olhos postos no gordo repasto, falla, sem fé e sem unção, da diabolica attracção dos sete peccados mortaes, que os setecentos filhos de S. Bernardo ali reunidos devem a todo o custo evitar.

E especifica: a soberba, a avareza, a luxuria...

Deglutindo truculentamente, um velho frade, saturado do mundo, dirá para o fundo do prato com os seus botões:—Que mulher conheci eu por lá que valesse esta bella petisqueira d'Alcobaça?

Assim João Penha, como o bernardo guloso, exclama no soneto:

Cantai-me a vida, e o sonho transitorio!  
Cantai, enquanto á dor busco remedio  
Nos vastos caldeirões do refeitório.

A raça, no breve lapso de vinte annos,

hysterisou-se excessivamente em nervosismos e melancolias, que allucinam funebremente o cerebro dos poetas modernos.

Vede bem! João Penha cantava o Paio, celebrava o Presunto, preconisava a Vida, ao passo que Antonio Nobre deixa entenebreecer o seu espirito no symbolismo tetrico da *Velha* (a morte) e do *Hotel da Cova* (a sepultura).

E, todavia, Coimbra, onde um gozou e o outro se aborreceu, continua a ser talqualmente a mesma, pesa sobre a Universidade a mesma Torre de pedra, sobre os hombros do doutor Pedro a mesma Torre de sciencia, ha o mesmo cheiro a lente cathedratico e a bolôr auctoritario, a Pandecta rançosa falla ainda mais alto que toda a concepção do Direito moderno expianada pelo snr. M. Fratel, porque, n'essa Coimbra vetusta, ha só uma coisa que falla mais alto que a Universidade,—é a *Cabra*.

Continuando o *meio* a ser o mesmo, sen-

do mesmissima a atmospherã social onde a mocidade academica respira, é claro que a variedade das impressões recebidas se ha de explicar pelas condições especiaes, tanto psychicas como physicas, do individuo que as recebe.

Assim, pois, temos em João Penha a musa viva que floresce o amarantho, rubro como a purpura e como... o paio; em Antonio Nobre temos a musa languida que desabrocha a pállida cecém, perfumada, mas branca como a neve.

Depois de haver escripto a *Carta a Manoel*, Antonio Nobre, sedento de ideiaes consolativamente calmantes, vai, luziada errante, procurar a Vida no Bairro Latino, e lá mesmo se encontra só e desgraçado.

João Penha, durante o seu tempo de Coimbra, saltou, como um funambulo, por sobre todos os desgostos do amor intimo, sem entornar a taça repleta de phalerno.

Não ha dôr que resista a um vinho ardente,  
Nem ao facil amor de uma hespanhola.

Porque a verdade, ao contrario do que eu e outros poderiamos suppôr de longe, enganados pela apparencia picarescamente ironica dos versos de João Penha, a verdade é que elle amou, embora não andasse lutoosamente vestido de almáfega, nem passeiasse merencorio e sinistro como os bardos melodramaticos, que aliás caricaturou.

Os humoristas levam às vezes a estes erros de apreciação, porque, em vez de fazerem da sua dor um poema, segundo a expressão de Goethe, fingem que lhe sopram, como a uma nuvem de fumo, para dissipal-a...

No fundo da biographia de João Penha está effectivamente a memoria de um amor, que inspirou o *Vinho e Fel* e o *Tancredo*, poema no genero do *Onofre*, e que, como muitas outras composições, perdidas, ou publicadas em jornaes, não sabiu nas *Rimas*.

—Nós em Coimbra, dizia-me João Penha, bebíamos, não para apagar a sêde ou para afogar paixões, — mas para dar tom aos nervos e activar os movimentos do machinismo intellectual. Todavia não deve esquecer-se que o vinho é o grande consolador dos tristes: *date vinum mœrentibus et lætabunt...*

Esta phrase rasga o véo de um segredo, que o vinho letificante diluiu na taça da bohemia.

Mas ri-se como quem chora,  
O bardo das scenas varias,  
Qual ri o môcho sombrio  
Sobre as loisas funerarias.

A noite na adega esconsa,  
D'uns candis á luz escassa,  
Quantas vezes não procura  
O esquecimento na taça!

.....

Que já li sobre uma lage,  
Occulta n'umas cavernas,  
Este sinistro epitaphio  
Do phantasma das tabernas:

«Aqui jaz o bardo triste  
«Junto á bella Carolina:

«Riu-se a bella do rapaz,  
«Riu-se o rapaz da menina.»

Mais de um rugido de paixão leonina estruge na adéga esconsa, á luz fumenta dos candis, émquanto a tia Camèlla despeja do pichel um gorgolão vermelho de phalerno:

Venho pedir-te o retrato  
Que te dei por amizade:  
Não quero servir de ornato  
Nos alcouces da cidade.

Quero laval-o nas ondas,  
Que ge-ne-n na praia agreste,  
D'aquellas manchas hediondas  
Dos beijos que tu lhe déste.

Querc arrancar-lhe a moldura,  
O teu cabello, e trocal-o  
Por uma trança mais pura  
Das crinas do meu cavallo.

Estes gritos de desespero fazem lembrar aquella sazão plena de romantismo, em que Dumas-Filho obtinha um duplo triumpho no romance e no palco quando Armand Duval arremessava a bolsa recheiada de oiro á face de Margarida Gautier.

---

*És da raça dos Borgias!* vociféra o poeta, mas traça a capa de estudante, e vai procurar o contra-veneno da paixão

... nos bôjos da amphora vetusta.

Diz Gonçalves Crespo que a mulher amada do poeta poz, um dia, o pé no estribo, e partiu para Lisboa. Mas a verdade é que quem partiu foi elle, deixando-a a ella, aos sinceiraes do Mondego, ao Paiz azul do sonho e á vida murciana de Coimbra. N'essa hora surgiu mais um advogado em Braga.

Poderiam, erradamente, suppol-o voluvel, inconstante no amor os que não conheciam os segredos da sua biographia, que a resposta não tardava, prompta e cabal:

Mais frio que Blondin sobre o Niágara,  
Julgas minh'alma em vis paixões accesa;  
E comtudo nas ostras da belleza  
Eu só procuro o amor, perola rara.

Mas, não encontrando a perola rara, to-

mava o partido de comer ostras, temperando-as com pimenta e limão, e com o sorriso tolerante de Pangloss, para quem tudo era pelo melhor no melhor dos mundos possível.

Convém notar que João Penha deu o título de *Lyra de Pangloss* a uma das subdivisões das suas *Rimas*.

Sahindo de Coimbra, não chorava sobre as ruínas dos seus sonhos desfeitos, das suas illusões perdidas. Vinha desenganado, mas gôrdo. O espirito,

Aquelle meu espirito opulento,  
Que vivia na luz dos sonhos bellos,

vira morrer os «ultimos anhelos», mas resistira, graças ao sabio formulario do doutor Pangloss. E o corpo, sadio e forte, continuou a florescer

..... em tão doce obesidade,  
Que dentro em pouco me vereis no transe  
De tomar ordens e fazer-me abbade.

A gente sahe da leitura das *Rimas* tão bem

---

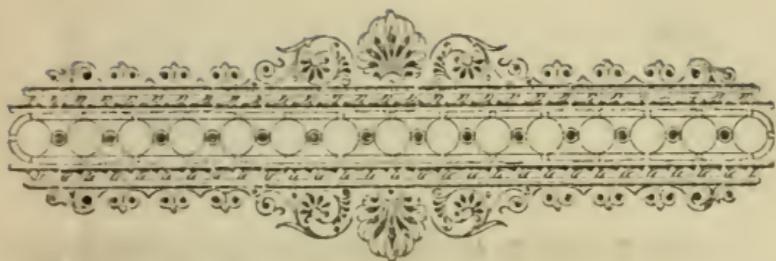
disposta como João Penha sahio de Coimbra.

Ordinariamente um livro de versos, especialmente os modernos, deixam no nosso espirito a impressão de um cemiterio sombrio, umbroso de cyprestes e chorões, dealbado de mausuleos luarentos, como diria um nephelibata, e de cruzes tiritantes de frio na gelida nudez do marmore.

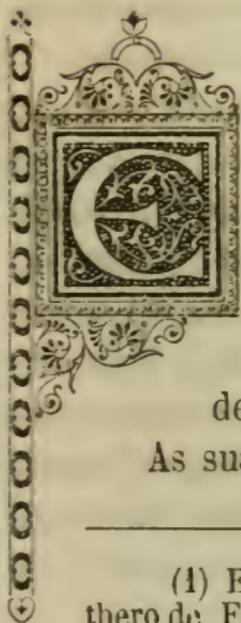
Pelo contrario, as *Rimas* de João Penha são como um pomar do Minho, uberrimo e cantante, onde a côr dos fructos se tinge de tonalidades sadias, onde o despenhó da agua sobre a relva viçosa espuma em borbotões sonoros, e onde os passaros, nas latadas verdes, assobiam n'uma bambochata feliz de collegiaes em liberdade.

É com a impressão de ter visitado um d'estes pomares feracissimos e alegres que a gente fecha o volume das *Rimas*.





#### IV



**G**

m litteratura, João Penha é hoje, como hontem, um conservador convicto, um idealista, um romantico, intransigente, mas brilhante de originalidade saudavel.

As suas opiniões são conhecidas. (1)

---

(1) Expostas no prefacio á *Tristia* de Anthero de Figueiredo.

---

Para elle a escola romantica, sem estar subordinada a uma unica e determinada philosophia, porque não ha relação proxima ou remota entre os seus trez grandes poetas, Lamartine, Hugo e Musset, resistirá a todos os golpes que lhe vibrem os revolucionarios da litteratura, será eterna, porque eternamente o homem «perseguido pela realidade, se refugiará, pelo menos durante algumas horas do seu dia, no mundo das illusões.»

Na escola romantica, o que impressiona, o que commove, é a obra em si mesma, ao passo que na escola naturalista apenas se admira o auctor pelo seu talento de observação.

João Penha distingue entre escola naturalista e escola realista: n'aquella, é licito admittir «personagens excepcionaes, casos que não sejam communs»; n'esta, os modelos são vulgares, «as cousas são descriptas, não como o artista as possa vêr, mas como a multidão as vê.»

Notarei, de passagem, que n'esta subdivisão, João Penha parece ir mais longe do que Emílio Zola, o qual envolve na mesma formula o naturalismo e o realismo. O famoso auctor do *Roman expérimental* adoptou como formula generica o naturalismo, que é velho, porque data de Homero, e que define: «o regresso á natureza e ao homem, a observação directa, a anatomia exacta.»

Mas, para Emilio Zola, pouco importa que os modelos sejam excepçionaes ou vulgares, que estejam no sette-estrello ou no charco, no alto ou em baixo.

«Quand j'ai lu un roman, je le condamne, si l'auteur me paraît manquer du sens réel. Qu'il soit dans un fossé ou dans les étoiles, en bas ou en haut, il m'est également indifférent. La vérité a un son auquel j'estime qu'on ne saurait se tromper.»

Comtando que o artista haja tomado como ponto de partida o estudo dos corpos e

---

dos phenomenos, pouco parece importar a Zola que os corpos girem no azul ou na terra.

Eu não estabeleço differença entre naturalismo e realismo, que considero synonymos: acho que procurar a realidade é investigar a natureza, seja nos modelos excepcionaes, em que a natureza capricha ás vezes, seja nos modelos vulgares, em que a natureza se repete todos os dias.

Tornando, porém, ao ponto, João Penha não admite, nas obras do espirito humano, senão dois effeitos: o de instruir e o de commover.

A formula de Zola, procedendo da analyse, caminhando na orientação da medicina experimental de Claudio Bernard, constitue uma obra de sciencia, que pretende guiar o espirito na investigação da verdade.

Não sensibilisa, não evola a alma até á região do sonho; pelo contrario, prende-a á terra, á realidade, como uma algema, um Prometheu.

Portanto está fóra da esphera da arte, que é fundamentalmente suggestiva e emotiva.

Por isso Alexandre Dumas será eternamente lido, ao passo que os editores francezes se téem visto na necessidade de ir alijando as edições dos copistas da realidade por meio de uma tombola, a franco a entrada.

A profissão de fé litteraria de João Penha, exposta no prefacio da *Tristia*, não abrange a moderna escola poetica, chamada, entre nós, dos *nephelibatas*.

Mas a sua opinião sobre esta escola poderia deduzir-se do ardor com que defende as tradições do idealismo romantico, se eu ainda ha poucos dias não ouvisse, nitida e firmemente explanado, o parecer de João Penha sobre a obra recente dos novissimos:

— Não transijo com essa escola, disse-me elle. Não admitto poesia sem rythmo, como não admitto musica sem compasso. O verso sem cesura e sem medida, é prosa.

---

E dizia-m'o com aquella rispida firmeza de convicção com que Theophilo Gautier escreveu: «Vouloir séparer le vers de la poésie, c'est une folie moderne qui ne tend à rien de moins que l'anéantissement de l'art lui-même».

Quando eu estava ouvindo as palavras de João Penha, lembrava-me da phrase de Junqueiro nos *Simples*: «A fôrma poetica encaminha-se á solução final. Horizonte immenso.»

Horizonte immenso, sim, porque já não ha medida para o verso, que vai até onde quer ir. De outro modo não percebo a phrase de Junqueiro. Os limites da metrificacão portugueza estão definidos e marcados, não ha por onde variar, sem quebra da arte e do genio da lingua. Castilho introduziu na fôrma poetica a novidade dos exdrixulos italianos, e combateu a peito descoberto pela nacionalisacão dos alexandrinos francezes. Thomaz Ribeiro, no *D. Jayme* e na *Delphina*, percorreu todos os metros admis-

siveis na versificação portugueza, empregando o de treze syllabas, que já era demasiadamente violento para o rythmo organico da lingua portugueza. E, feito isto, elle proprio reconheceu que, por amor da variedade, se poderia tentar ainda a medição latina e resuscitar a toante castelhana. (1) Mas os poetas que vieram depois, rapazes cheios de talento e conhecedores da arte, porque todos elles a respeitaram até certo tempo, acharam que não valia a pena experimentar a métrica latina e restaurar a toante dos seiscentistas (que a meu vêr não era menos monotona que o *refrain* dos nephelibatas): nada d'isto fizeram, preferiram escrever versos de longo curso, com quinze e mais syllabas, intercalaram rubricas em prosa no estiramento kilometrico do verso, e para que o alexandrino perdesse a harmonia que provinha da fu-

---

(1) *Vesperas*; pag. 219.

---

são de dois versos de seis syllabas, fizeram-n'o tripartido, privando-o da cadencia que delectava o ouvido.

Percebe-se que João Penha, que já em Coimbra dizia a um renegado do romantismo

Prosa e verso têm balizas,

exija ainda hoje uma coisa, que parece ser fundamental e logica : que os poeta escrevam em verso e os prosadores escrevam em prosa.

Quanto á pureza da lingua, João Penha não se mostra menos intransigente. Ainda o anno passado lembrava elle ao snr. Anthero de Figueiredo o conhecido conselho de mestre Boileau :

Sans la langue... l'auteur le plus divin  
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain.

Assim, pois, não lhe regalarão decerto o ouvido puritano as innovações barbaras de quasi todos os poetas modernos, alguns de incon-

testavel valor, á parte os vicios de escola, como por exemplo o snr. Julio Brandão, quando diz :

E citharas balança um côro vago de *pucellas*.

Rostos morenos, *brunos*, pallidos, divinos.

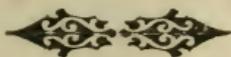
Espero apreciar em breve, individualmente, a cohorte revolucionaria dos modernos poetas portuguezes. Ver-se-ha então que admiro a concepção genial de uns, e que faço justiça a todos.

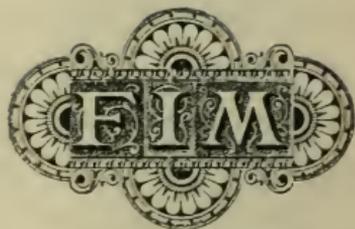
Mas encontro-me com João Penha no que reputo a disciplina indispensavel da arte e da lingua, comquanto bastasse talvez dizer—da arte. E estou em opposição a Guerra Junqueiro quando affirma que a modernissima evolução poetica rasga horisontes inéditos, «sobretudo no ponto de vista da fôrma e da expressão.» (1)

P. de Varzim—Novembro de 1893.

---

(1) Prefacio ao *Livro de Aglaï's*.







«Fr. Luiz de Souza, chamado  
o seculo Manoel de  
no, filho de Lopo de  
no, nasceu em Sa  
1555 conforme con  
sposo de Vizeu, D.  
andre Lobo.

Foi o quarto  
ousa Coutinho

É provavel  
Coutinho impu  
aquelle tem  
valheiros de  
e Jerusalem  
encontrava  
causa do  
de glori

Tan  
e filia  
Malta  
o de  
eu a  
ue

Coutinho  
entre os captivos  
de Miguel Cervantes

Datam d'aqui as relações  
nizade, se as houve, entre estes dous  
omens notaveis.

A convivencia do captiveiro não  
foi muito longa: Sousa Coutinho foi

los Rios Cervantes este  
por espaço de cinco a  
sete dias, ao passo que  
sa Coutinho não demorou  
em sequer um anno

diversidade de  
ante pe

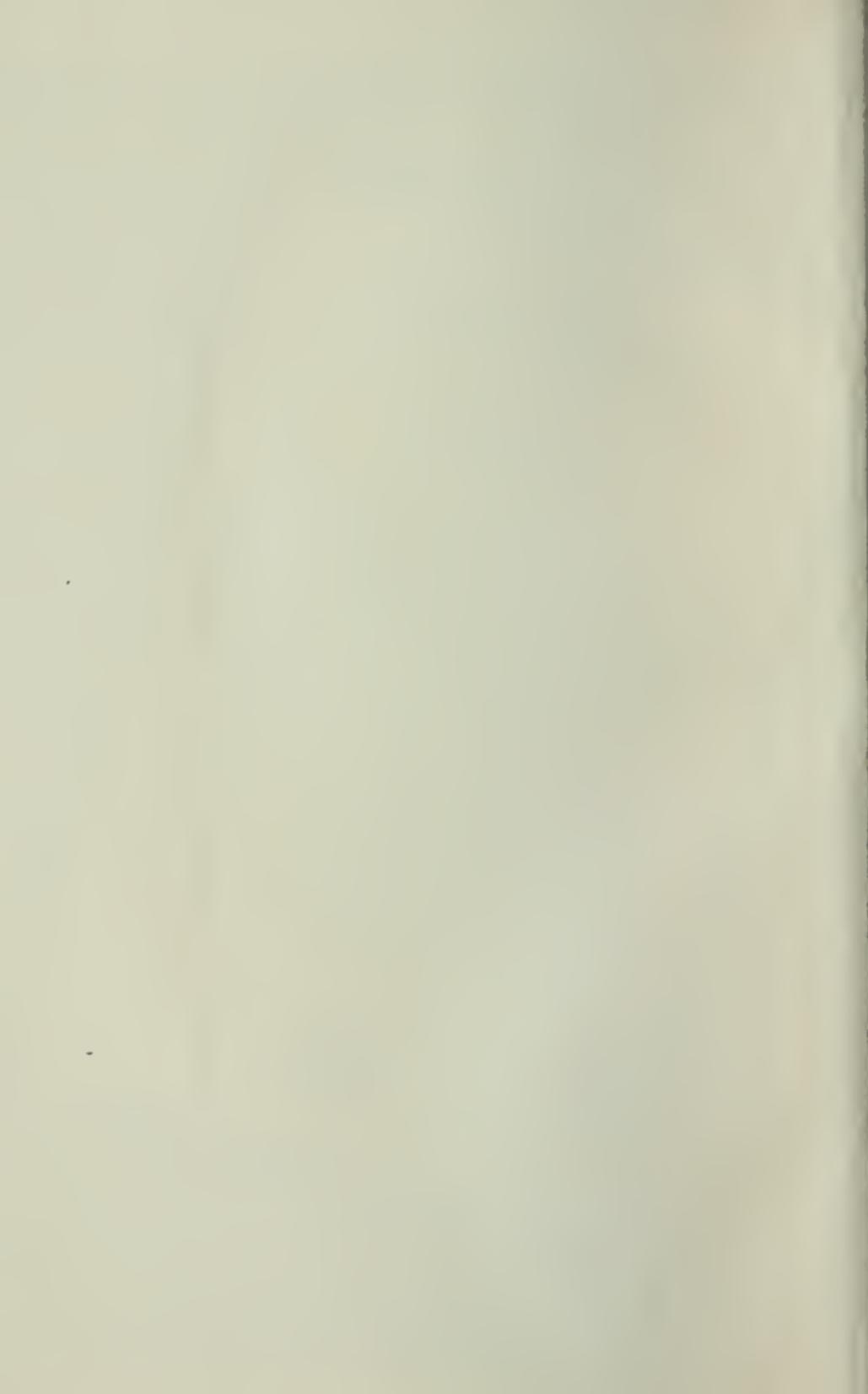
Preço 250 reis

A colleção de monographias que  
hoje encetamos patrioticamente, não obs-  
tante a apathia do mercado litterario,  
abrangerá, do modo mais completo pos-  
sivel, a longa e gloriosa lista de todos  
os poetas modernos do Minho.  
O auctor dedica os seus dois pri-  
meiros estudos a JOÃO PENHA e ALMEI-  
DA BRAGA, que nasceram na capital da  
provincia, mas trazará, seguidamente,  
o perfil de outros poetas brillantes,  
nascidos em Guimarães, Vianna do Cas-  
tello, Barcellos, Ponte de Lima, etc.



no  
da  
se  
nem  
fora  
noel de  
para :  
Hespa  
ou-se cor  
m ouviu  
Poetica de  
o a Portug  
ena de Vill  
1584 e 1586  
Alexandre L  
senhora havia  
as nupcias cor  
gal, filho de D  
gal e de D. Ma  
e julgava-se viuv  
ro marido real ou ima  
morto no desastre de Al









PQ  
9261  
P33Z7

Pimentel, Alberto  
João Penha

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

